

NOVAS DINÂMICAS TERRITORIAIS: A INSERÇÃO DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO PETROLÍFERA NO RIO GRANDE DO NORTE

Sandra Priscila Alves

sandraufrn@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Palavras-chave: indústria do petróleo, dinâmica territorial, Rio Grande do Norte.

O presente ensaio tem como objetivo realizar uma discussão acerca da presença do circuito produtivo que se instalou com expressividade no Rio Grande do Norte, a partir do início das atividades de extração petrolífera. Com a implantação do circuito (este constituído de técnica, ciência e informação), a dinâmica territorial de vários municípios do estado sofreu alterações.

Optamos por construir nossas análises a partir da idéia de circuito espacial de produção. “Estes são definidos pela circulação de bens e produtos e, por isso oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como os fluxos perpassam o território” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 143).

No estado do Rio Grande do Norte, segundo

Alexandre (2003), a atividade petrolífera acontece em uma área de quarenta e oito mil quilômetros quadrados correspondente à Bacia Potiguar Sedimentar. Os elementos técnicos concernentes exploração, a produção e ao refino da atividade estão dispersos em quinze municípios. Temos ainda a presença de objetos na plataforma continental e em outras municipalidades por onde passam os oleodutos e gasodutos que atuam no escoamento da produção.

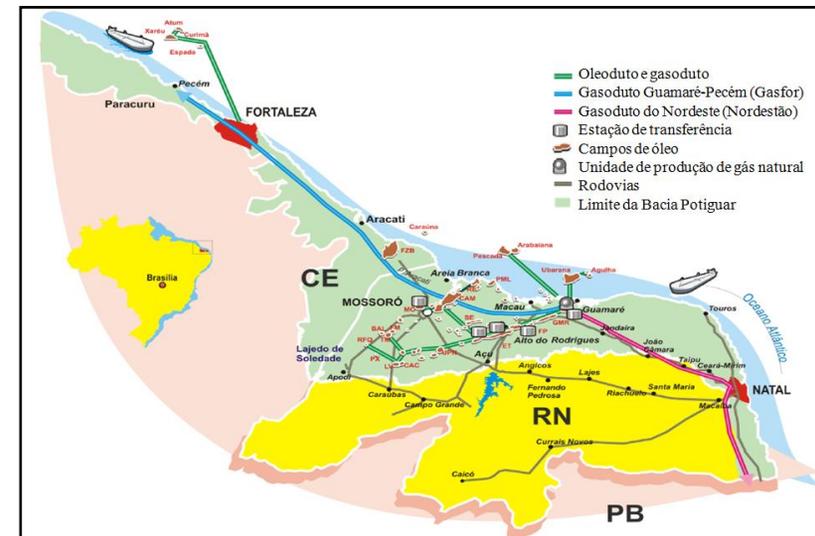


Ilustração 1 – Sistema de objetos e de ações concernentes a indústria petrolífera no estado do Rio Grande do Norte. Fonte: Felipe *et al.*, 2003.

O primeiro poço de petróleo a entrar em funcionamento e produzir em quantidades comerciais foi

implantado no ano de 1973 (MEDEIROS, 1983). A partir desse período, um novo sistema de engenharia, composto de grandes objetos, foi implantado no território potiguar, inaugurando um novo sistema de fluidez (Ilustração 1).

A indústria de petróleo estabelecida no território norte rio-grandense constitui uma atividade complexa por conter em seu território as instâncias da produção, da distribuição e do consumo do petróleo (e seus derivados), a saber: a pesquisa, a exploração, a produção e o refino (etapas do processo produtivo do petróleo), e ainda o transporte, a distribuição e o consumo dos produtos produzidos no estado. A atividade petrolífera conta com uma diversa estrutura organizacional que ocorre desde o vasto sistema nacionalmente integrado de companhias comerciais privadas e empresas estatais, bem como o grande número de pequenas companhias, algumas envolvidas em todos os aspectos das operações de petróleo, da exploração à comercialização.

O circuito espacial da produção da atividade petrolífera, que abrange quinze municípios do estado, é um processo complexo ao abranger as instâncias produtivas articuladas entre si, desde o fornecedor de matéria-prima até o consumidor final. Diversos agentes estão envolvidos na lógica de organização espacial e localização da atividade, o que se

constitui um processo dinâmico, criando uma intensidade de fluxos de pessoas, mercadorias e produtos em permanente circulação.

Nos municípios potiguares onde está localizada a produção do petróleo, a Petrobrás tem ativado pontos e utilizado áreas que constituem a base material de sua existência. Destarte, municipalidades que antes possuíam uma dinâmica social e econômica restrita ao próprio lugar, passaram a fazer parte de uma rede complexa de relações estabelecidas com lugares próximos e distantes.

Desde o ano de 1973, com a abertura do primeiro poço a extrair petróleo em quantidades comerciais, no município de Grossos, a lógica territorial da empresa vem modificando a dinâmica dos municípios onde o processo está instalado. Ou seja, em função da produção abrem-se novas estradas, mudam-se caminhos, arrendam-se terras, atraem-se novos trabalhadores, aumenta-se o fluxo de transporte.

Nessa perspectiva, podemos verificar uso do território pela atividade petrolífera no estado do Rio Grande do Norte, analisando o principal agente no espaço – a Petrobrás – e em que medida esta o utiliza, como e por que o faz, mas podemos também averiguar como o território no atual período viabiliza ou não as ações da empresa e seu

respectivo processo produtivo.

A capacidade de intervenção de uma determinada empresa no arranjo territorial de um dado lugar é evidenciada principalmente pela densidade tecnológica a qual é constituída a atividade, uma vez que no atual período histórico, marcado pelos avanços tecnológicos e científicos, a internacionalização (das técnicas, das firmas, das atividades econômicas e dos produtos) tem se mostrado um fenômeno expressivo. Com isso, os lugares, as atividades e as empresas têm sido avaliadas e qualificadas em função do seu nível tecnológico apresentado.

Outra variável que denota a influência de uma empresa em determinado território é apresentada por meio das empresas prestadoras de serviço, que se instalam nos lugares em função de uma firma principal. A Petrobrás, desde que se instalou em território potiguar, vem traindo para sua área de produção empresas que prestam serviços a produção e refino do petróleo e gás natural.

Piquet e Serra (2007) compreenderam parte da dinâmica desse circuito em âmbito nacional, na medida em que em suas pesquisas se defrontaram com um enorme ramo industrial fornecedor de produtos às empresas petrolíferas. Desse modo, foi denominado “indústria para-petrolífera” o

segmento que “(...) compreende diversificada produção de componentes, desde equipamentos e peças de alta tecnologia até as de confecção mais simples”. E , ainda, “(...) é nesse segmento que se concentram os maiores efeitos multiplicadores, e onde a escala e a especificidade dos materiais e serviços são tantas que raros países podem oferecer, competitivamente, a totalidade desses bens e serviços” (PIQUET e SERRA, 2007, p. 24).

Conforme Araújo (2009), no Rio Grande do Norte, o setor petrolífero mobiliza diversas atividades comerciais, serviços de hotelaria, de escritório, restaurantes e serviços de assessoria em pesquisa a partir das demandas fornecidas pela Petrobrás. A atividade rebate em outras atividades como o comércio e serviços. “As demandas da empresa têm significativo peso na economia potiguar. Funcionam como um fator multiplicador de investimentos, sobretudo no comércio de peças de reposição, mas também em outros setores da economia” (ARAÚJO, 2009, p. 156).

Rodrigues (2008) ressalva que ao mesmo tempo em foram investidos no estado entre os anos de 1976 e 2005 aproximadamente quinze bilhões de dólares, a empresa contratou os serviços de cerca de quinhentos e oitenta e seis empresas e demandou compras a trezentos e sessenta e nove

fornecedores do estado do Rio Grande do Norte.

Na área de compras de materiais de apoio operacional, respaldando-se em dados da Petrobrás, Alexandre (2003) afirma que no período referente foram adquiridos um montante de cento e oito milhões de reais em materiais industrializados, equipamentos e sobressalentes e aplicados aproximadamente cento e cinquenta e oito milhões de reais em contratação de serviços especializados no mercado do Rio Grande do Norte.

O advento do circuito espacial de produção (e suas atividades complementares) tem estado vinculado às alterações sofridas na dinâmica territorial dos municípios potiguares. Com a extração de petróleo e gás, muitas novas ocupações antes inexistentes nas cidades potiguares passaram a ganhar destaque no cenário ocupacional urbano, demandando novos centros de formação e qualificação profissional, além da criação de novos cursos por parte das universidades. Além disso, os fluxos entre empresas cujas sedes localizam-se em estados e mesmo países distantes têm gerado um movimento contínuo de produtos, pessoas, informações e idéias, o que provoca também a criação de novas materialidades no território.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, D. S. 2009. **Dinâmica econômica, urbanização e metropolização no rio grande do norte (1940-2006)**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ALEXANDRE, M. J. O. 2003. **O georritmo do cavalo-de-pau nos municípios da área do petróleo potiguar: a relação entre os royalties e a dinâmica socioeconômica**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

FELIPE, J. L. A. *et al.* **Sistemas de objetos ligados ao processo produtivo do petróleo na área da Bacia Sedimentar Potiguar**. Natal: Diário de Natal, 2004.

MEDEIROS, M. G. O. 1983. **A exploração e produção do petróleo na bacia potiguar** – parte emersa. Monografia (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1983.

PIQUET, R.; SERRA, R. **Petróleo e região no Brasil**. O desafio da abundância. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

RODRIGUES NETO, J. 2009. **A expectativa do petróleo: aspectos históricos do Rio Grande do Norte**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. 2001. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.